

JOSÉ MIGUEL

# Ramos Almeida

Entrevista

Catedrático da Faculdade de Ciências Médicas

da Universidade Nova de Lisboa, José Miguel Ra-

**«Sou alegre, mas no fundo o meu substracto é melancólico; apaixonado, mas tenho uma cabeça que pensa, logo sou contido; ambicioso, mas despreendido, nomeadamente em relação ao dinheiro; auto crítico, mas com uma grande dose de narcisismo; con fiante, mas céptico em relação à qualidade da Humanidade. Tenho um terrível defeito, o sarcasmo»**

mos de Almeida é um dos mais conhecidos pe-  
diatras portugueses. Nesta entrevista, confessa-  
se um «homem da dúvida» e, da arrogância que  
critica nos médicos à relação com a morte, com  
os doentes e as famílias, passando pelas gran-

des questões que afectam a medicina, através-

sa um universo inteiro de ideias. De boas ideias

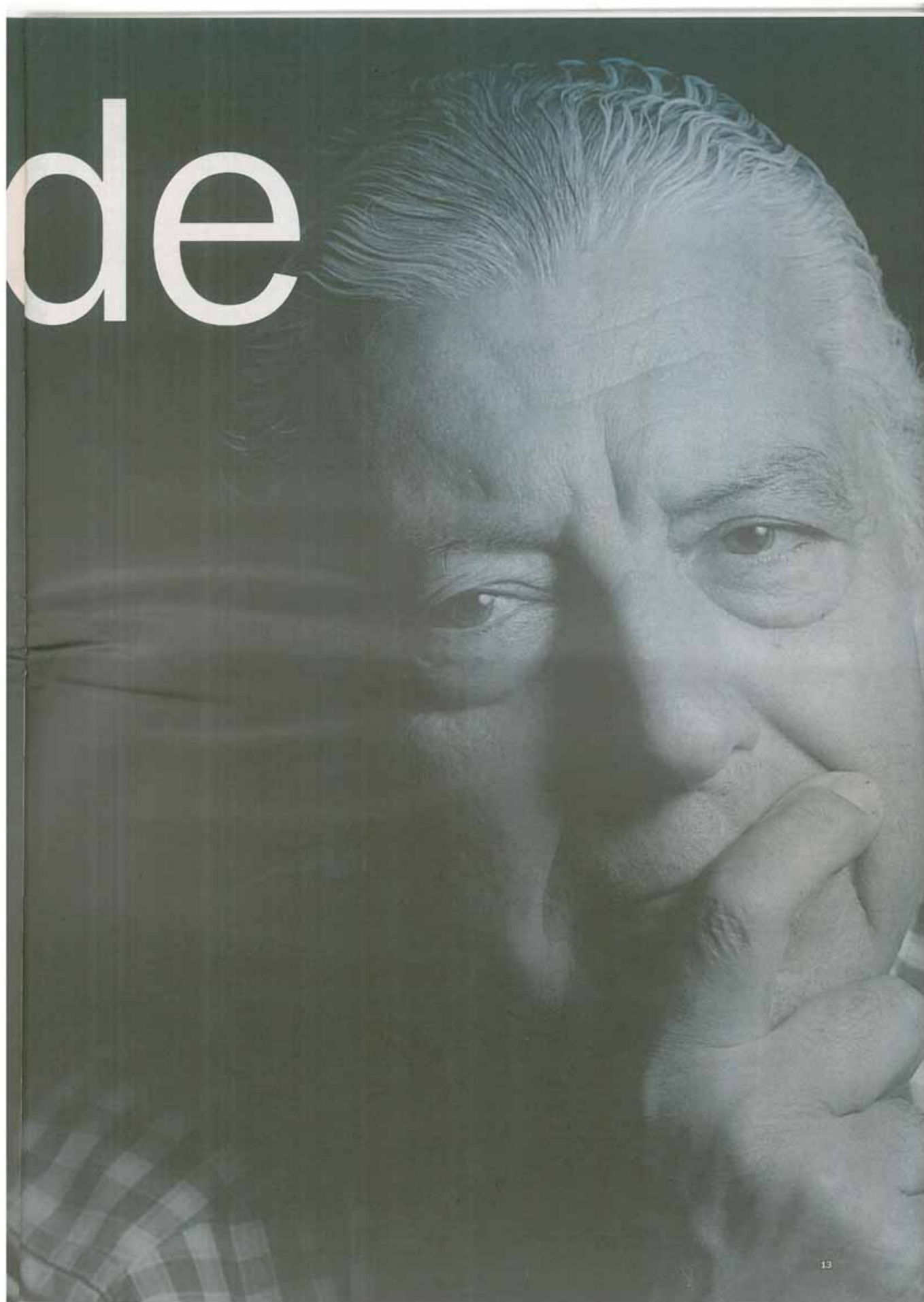
ENTREVISTA DE ANA MARQUES GASTÃO  
FOTOGRAFIAS DE PEDRO LOUREIRO

Tem a ciência dos caçadores, porque o espírito de ob-  
servação dir-se-ia um dos seus dons. A Medicina, nes-  
te caso a Pediatria, exerce-a com inteligência, mas tam-  
bém com um estilo próprio que se adquire quando se  
põe em movimento o sentido do humano. José Mi-

guel Ramos de Almeida, catedrático da Faculdade de  
Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa,  
não é produto de uma filosofia trágica, mas a melancó-  
lia habita-o com uma latência mágica, ainda que pol-  
vilhada de um sábio sentido de humor. «Vítima» sin-  
cera das suas dúvidas corajosas, este contador de his-  
tórias revela-se um clínico integrado na comunidade  
dos homens, que não hesita em criticar com indis-  
farçável ferocidade.

Alguma coisa nele se acumulou ao longo do ca-  
minho, agora que nos habituou ao seu «Vício de Pen-  
sar», uma selecção de textos publicados na Imprensa  
que acaba de lançar em livro. Essa «patine» reflecte-  
se numa escrita sintonizada com o universal, criativa,  
que ultrapassa a problemática da Pediatria e penetra  
não só nas questões da Medicina em geral como nas

de





# JOSÉ MIGUEL Ramos Almeida

acompanham. Recordo-me de me sentar nos seus joelhos a ouvir poemas do «Só», de António Nobre ou fragmentos de David Copperfield, de Dickens. A sua perda deixou-me um grande vazio...

**Teve a sorte de encontrar Abranches Ferrão, o seu padraсто. Uma personalidade marcante da Oposição Democrática...**

- Dois anos depois... Um homem inteligentíssimo, culto, brilhante cheio de alegria de viver, seguindo muitas vezes os instintos e resistindo pouco às tentações. Esse seu temperamento era temperado pela prudência de minha mãe, que lhe limava as arestas. De resto nutria pela mulher uma grande admiração intelectual, como várias vezes o diz no seu diário, ainda inédito. Tinha 17 anos quando o conheci. Atraído como uma borboleta pela luz, fugi de Cascais, onde vivia, e aluguei um quarto perto deles. O meu padraсто achou imensa graça e, como tinha a mania das decorações, decorámos o quarto. No fim, virou-se para mim e disse: «Já nos divertimos. Agora vais lá para casa». Vivi lá até me casar. Dos 17 aos 25 anos. Tinha uma uniformidade de gostos e de pensamento espantosa.

**São famosas as suas histórias...**

da condição humana. Por esta obra passam temáticas como as do aborto, da eutanásia, dos direitos das crianças aos deveres dos adultos, da ética na doação de órgãos ao feto - esse desconhecido -, da televisão que temos à mortalidade infantil, da relação do recém-nascido com a mãe à fecundação artificial...

A entrevista traça o perfil do pediatra empenhado, que escreve livros, e do homem, cujo discurso revela uma inabalável harmonia entre a intuição e a reflexão. Nos atalhos do diálogo, espaço para abordar, entre outros assuntos, a experiência de médico de crianças e a solidão, a infância e as perdas, a vida e a morte, Deus e a dor, a Filosofia e os livros... O discurso de José Miguel Ramos de Almeida não taceia caminhos, vai directo à ferida aberta na certeza de que nada há de pior do que a arrogância. Cabelo grisalho, riso aberto, voz de timbre profundo, nos olhos lê-se uma paz conquistada ou dominada pelos anos, fruto de uma concepção do mundo associada ao rigor do pensamento e marcada por uma necessidade de intervenção na sociedade.

**Diz: «Não sou um filósofo, mas tenho o vício de pensar». Que outros vícios são os seus?**

- Sou Gémeos de signo, por isso contraditório. Não acredito muito na astrologia, mas dá-me jeito às vezes. Sou alegre, mas no fundo o meu substracto é melancólico; apaixonado logo sou contido; ambicioso, mas despreendido, nomeadamente em relação ao dinheiro; autocrítico, mas com uma grande dose de narcisismo; confiante, mas céptico em relação à qualidade da Humanidade; snob, ou seja gosto da companhia de pessoas com sentido de humor, educadas, inteligentes, que saibam ouvir e contar, mas também de gente simples. Tenho um terrível defeito, o sarcasmo e, por vezes, pareço distante, embora não no sentido social - gosto de ir à Praça do Bolhão, no Porto, e de conversar com aquelas mulheres que me lembram, pela naturalidade, a Ana Magnani e os neo-realistas do pós-guerra. Resumindo: sou uma pessoa de gostos simples: o melhor serve-me perfeitamente.

**Foi um menino modelo, «inteligente, bom aluno»...**

- Uma criança excessivamente preocupada com os deveres, o que coarctou um pouco a minha felicidade infantil. Não quer dizer que não fosse capaz de brincar, mas tinha um sentimento de responsabilidade muito forte.

**Viveu muito cedo a morte de seu pai. De que forma?**

- Ia fazer 14 anos. A morte para as crianças, neste caso a do pai, tem muitos significados. Consoante a idade, mas sem fronteiras estanques, confunde-os a imobilidade, receiam a morte da mãe, observam o cerimonial do enterro, questionam-se sobre os mecanismos patológicos, têm sentimentos de culpabilidade, interrogam-se acerca do além. Desses sentimentos todos, não vivi nenhum fortemente. Não senti nem culpabilidade, nem fiquei preocupado com o sítio para onde teria ido. Era protestante e acreditava firmemente em Deus. O pior foi a falta precoce de um modelo.

**Que recorda de seu pai?**

- Era um homem ultra-sensível, escrupuloso, discreto, artista. Cantava-me canções de Schubert, Schumann, Rimski Korsakoff, Falla, que ainda hoje me

Critico a arrogância dos médicos quando se consideram senhores da vida e da morte. Vêm-se a circular nos hospitais com uma bata normalmente um bocado suja, mas com a algibeira cheia de esferográficas. Com o olhar focado no infinito é os sapatos a fazer barulho, abrem caminho entre a multidão dos reles mortais, que esperam uma consulta

- Chamavam-lhe um príncipe da Renascença. Ele não era verdadeiramente um político. A política metia-lhe um certo nojo. Fazia-a por diletantismo, por sentimentos nobres de oposição à ditadura. Esta chicanice à que assistimos todos os dias causava-lhe a maior das impressões. José Magalhães Godinho contou-me que, um dia, foram a Seia com o filho do Afonso Costa fazer um comício às massas. Antes de chegarem, os padres começaram a dizer que estavam para vir os anti-Cristos. Insistiram para que ele falasse e ele voltou as costas e fugiu. Não era capaz de demagogia. Mas há muitas histórias: deu uma vez um jantar lá em casa ao embaixador de Inglaterra. Quando chegámos, estavam uns fotografos da PIDE, registavam quem entrava. Quando soube, pegou no telefone e ligou ao Sachetti a agradecer o interesse e a convidar o senhor director e a sua mulher.

**Era tomido nos tribunais plenários?**

- Porque com uma força enorme desafiava fosse quem fosse, transformando-se de advogado de defesa em advogado de acusação. E os réus passavam a ser os juizes, o Ministério Público e os agentes da PIDE... Quando foi do MUD, havia um «poster», que foi proibido, desenhado por Manuel Ribeiro de Pavia, que dizia: «Sem eleições livres, não votes». O meu padraсто teve a coragem de fazer outro «poster» e colocou-o na sala de espera do escritório.

**É um homem que duvida?**

- Gosto de certezas, mas até lá sou um homem da dúvida. Um grande patologista alemão, Popper, dizia que nenhum diagnóstico deve ser considerado seguro até termos feito tudo para provar que ele está errado. A Medicina tem de ser exercida com uma grande humildade, porque se está a lidar com coisas muito importantes. No meu caso, o mais precioso que as pessoas têm, os filhos. Devemos ter a consciência da nossa profunda ignorância perante o mister que exercemos e os mecanismos íntimos com os quais lidamos. Quando o médico sente que não domina um assunto, deve estudar, pedir auxílio de colegas, de hospitais. Não há nada pior do que a arrogância.

**Critica a arrogância dos médicos?**

- Quando se consideram senhores da vida e da morte. Vêm-se a circular nos corredores dos hospitais com uma bata normalmente um bocado suja, mas com a algibeira cheia de esferográficas de muitas cores e papéis: quer dizer que investigam. Com o olhar focado no infinito e sapatos que fazem barulho, abrem caminho entre a multidão dos reles mortais, que esperam uma consulta. Isto ou porque estão a brincar aos deuses, ou devido a uma grande insegurança.

**Como se lida com a dor, nomeadamente com a de uma criança?**

- A melhor forma de lidar com a dor é sentir na pele o que sentem os doentes. Propus no projecto pedagógico do meu doutoramento que todo o estudante de Medicina chegado ao terceiro ano fosse internado num hospital durante uma semana. Ainda hoje penso que isso deveria fazer parte da formação do médico. Quando comecei a exercer Pediatria, todos os direitos dos doentes, hoje reconhecidos, eram pura e simplesmente ignorados.

**Que tem a sua vida de essencial?**

- Estar bem consigo próprio. Quando isso não acontece, tento saber porquê para me emendar. Sou um observador nato, dos outros e de mim próprio. E um crítico muito rigoroso. É esse o meu ganha pão.

**Como descreve a experiência de ver um casal pela primeira vez?**

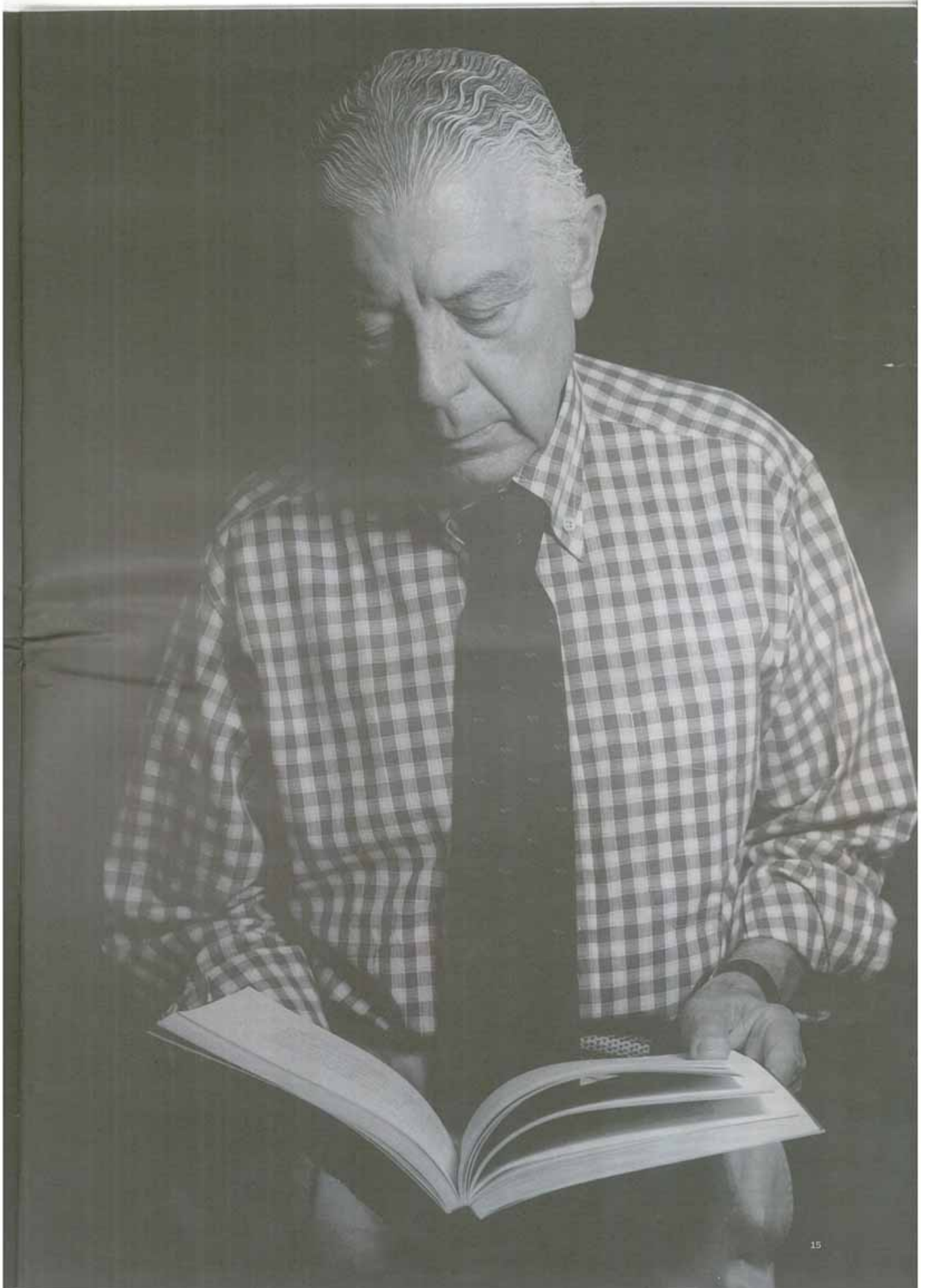
- Olho para o pai, para a mãe e para o filho e faço diagnósticos provisórios. Que género de gente é, qual o nível social e intelectual, que significa o filho para eles, qual a relação conjugal...

**Consegue perceber que tipo de gravidez a mãe teve?**

- Ao ver a mãe a pegar na criança, pode avaliar-se se a gravidez foi feliz. Mas o que observo mais é a personalidade do recém-nascido. Normalmente digo se vai ser um miúdo fácil ou se vai dar água pela barba. Percebe-se pela maneira como a criança reage quando se lhe pega - se fica hirta ou descontraída, se chorará revoltada ou resignada - pelo tónus muscular, pelos estremeamentos, pela forma como responde aos estímulos, pela facilidade como se espreguiça ou boceja...

**Educa-se uma criança como?**

mas fundo  
mas seguro  
que não é





# JOSÉ MIGUEL Ramos Almeida

- Conhecendo os seus problemas, falando abertamente com ela, levando-a a abrir-se, ajudando-a a ter amor e respeito próprios. Isso faz-se conversando. O médico deve ser um exemplo de segurança e de confiança. Os pais, por vezes, oscilam entre o autoritarismo e o absentismo. Na adolescência, surgem conflitos. Enquanto as crianças se queixam de não as aceitarem como interlocutores válidos, aqueles acusam os filhos de serem «teddy boys». O bom educador é o que leva o educando a prescindir dele totalmente.

## Que papel atribui aos avós?

- É um papel lúdico. O avô e a avó são a tolerância, a compreensão, a ida ao Jardim Zoológico, à Expo, o amor, o lar. Os pais representam o rigor, a ordem, o estudo, a disciplina. Trata-se de uma forma de amar diferente. Mas os avós estão em risco. As pessoas casam-se mais tarde, têm filhos mais tarde e muitos avós já não testemunharão a adolescência dos netos. A bisavó dir-se-ia um dinossauro em extinção. As mulheres foram tão discriminadas, que hoje põem à frente de tudo a sua carreira profissional. Na verdade, ainda não têm direitos iguais aos dos homens.

## Morreu o mais célebre dos pediatras: Benjamin Spock. Qual o seu contributo mais importante?

- Atribuiu importância emocional à criança: deu aos pais a obrigação de entenderem o seu filho como um ser com direitos. Ele não era, no fundo, um grande pediatra - não tinha carreira académica, nem hospitalar -, mas um free lance com uma capacidade de dedicação e observação muito grandes, autor de um livro que mudou a Pediatria, no qual se debruçou também sobre as banalidades do dia-a-dia, que vão desde as pequenas febres à alimentação. Depois da Bíblia, é a obra com maior tiragem. Provavelmente não lhe perdoaram o grande êxito financeiro, bem como as posições políticas, por exemplo, contra a guerra do Vietname. Acabou envolvido em sarilhos e na miséria. Hoje, os grandes pediatras norte-americanos nem sequer o citam.

## O dr. Spock foi acusado pela direita de excesso de permissividade e a esquerda não gostou que ele aconselhasse as mães a ficarem nos primeiros tempos em casa com os filhos...

- Era confortável para os pais encontrar um bode expiatório. Foi injusto e a sua mensagem mal interpretada.

## Há um paraíso pré-natal, a bem-aventurança perdida que se sente no útero (Kerouac)?

- É uma bem-aventurança, sim, à qual em momentos de aflição gostaríamos de regressar. O feto a certa altura já sente, vive num ambiente ultra-protector, não passa fome, nem frio, ouve a voz da mãe que distingue das outras, está livre da tirania da gravidade, flutua protegido de choques... Depois, mal nasce, começa logo a ser agredido por estímulos luminosos, tácteis, térmicos, acústicos e até médicos.

## Defende o aleitamento ao peito?

- É importantíssimo, mas não se pode defender nada até às últimas consequências. Nem fazer chantagem sobre as mulheres à custa dessa importância. Há há quem tenha uma repugnância psíquica em alimentar os filhos, ou quem sofra muito ao dar de mamar. Não se deve violentar. Existem leites que se aproximam do da mãe, mas não há alimento melhor do

que o leite materno. O mais importante é que o momento do aleitamento seja feliz. **À volta de 1,7 milhões de crianças com menos de 5 anos de idade morrem anualmente. Como evitar este mal?**

- Julgo que é o resultado da má qualidade ética do bicho-homem, nomeadamente dos políticos. Continuamos a ter focos de guerra. No Terceiro Mundo, os governantes têm contas vultosas na Suíça, vivem como nababos e o povo subsiste na maior miséria. Os auxílios internacionais não chegam porque são desviados. Os países mais desenvolvidos continuam a explorar os menos desenvolvidos e a vender-lhes armamento. Por um lado, ajudam, por outro, vendem armas; fazem tratados de paz e simultaneamente fomentam a guerra. Há uma hipocrisia e um cinismo tremendos. Um dia, quando este planeta medíocre arrefecer para sempre, e vierem astronautas de uma estrela a dois mil anos de luz da Terra para o estudar, ficarão admirados com a coexistência entre tecnologia e barbárie: dezenas de milhares de crianças morrem inevitavelmente e milhões vivem nas ruas. Os adultos só se lembram delas como carne para canhão, objecto sexual ou mão de obra barata.

## É a favor de todas as formas de planeamento familiar?

- Não condeno nenhuma. Libertar a sexualidade da natalidade foi um triunfo. Necessário seria ensinar aos jovens educação sexual e planeamento familiar. Mais importante do que tudo: há que dizer às raparigas e aos rapazes que os actos mais significativos da vida são o amor e a procriação. Actos que exigem consciência e responsabilidade.

## É um defensor a todo o custo da vida? Como encara o aborto?

- Não sou a todo o custo defensor de nada. Tudo tem as suas «nuances». Em 1974, escrevi um artigo no DN no qual defendia, de certo modo, o aborto. Depois vivi 30 anos numa certa intimidade com o feto e mudei radicalmente. Há princípios que não podem ser atraçoados. Ou existem motivos muito fortes para se interromper a vida, como perigo para a mãe ou o feto ser sede de anomalias gravíssimas, ou não se justifica. E não há razão para prazos.

## Diz que os filhos não são propriedade de quem os gerou. As relações intersubjectivas são essencialmente de poder?

- O homem, os babuínos e, afinal, todos os animais são hierarquizantes. Todas as relações podem ser definidas como de poder. O poder dos pais sobre os filhos tem limites.

## E a relação pai/médico, como se processa a esse nível?

- Muitas vezes, tomei decisões graves como interromper as terapêuticas heróicas, mas sempre em conferência de médicos e sem envolver os pais. Hoje a lei dá supremacia às decisões dos médicos sobre a vontade dos pais.

## Como se vai para casa depois de decidir abreviar a morte de uma criança?

- Quando se tem o sentimento de que fizemos tudo o que devíamos, decidir não causa angústia.

## Vê a morte como?

- Penso nela todos os dias. Acho-a necessária. Sem

## Penso na morte todos os dias. Acho-a necessária. Sem ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa eterna peregrinação, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa eterna peregrinação, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa prisão perpétua. O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte

— Eutanásia — muito dor e fúria

ela a vida seria intolerável. Se nos soubessemos imortais, deixaríamos imediatamente de amar a vida, que se transformaria num longo calvário, numa eterna peregrinação, numa prisão perpétua. Mas digo com Montaigne: «Não é a morte que me inquieta, mas morrer». O objectivo é morrer sem dor e com dignidade. Percebo perfeitamente quem pede para lhe acelerarem a morte.

## A eutanásia por definição exige a vontade do doente, mas há problemas éticos complicados. O consentimento é difícil de definir, sobretudo se já não há muita lucidez. Podem estar em causa questões patrimoniais...

- Por isso, a eutanásia é proibida. O que se autoriza hoje tem a ver com a interrupção das medidas que prolongam a agonia. Tal como gerimos a vida, devemos gerir a morte.

## Lê sobre a morte?

- Procuo fazê-lo. Por exemplo, os livros de Simone Beauvoir, «Une mort très douce» ou o de Roger Peyrefitte, «La mort d'une mère», ambos sobre a morte da mãe. Há também um capítulo muito interessante em «Os Thibault» sobre a morte do pai, que por sinal culmina em eutanásia. Interessam-me as reacções das pessoas perante ela: Casanova pediu lagostins; Epicuro uma taça de vinho; Toulouse Lautrec e Baudelaire praguejaram; Aragon teve uma frase linda: «Faço o que posso»; De Gaulle sentou-se a fazer uma paciência. Alguns são exemplos da gestão de que falei: Sarah Bernhardt tinha no quarto de dormir o seu caixão, onde costumava repousar; Da Vinci calculou o peso dos círios e a distância entre eles no caminho que a sua urna deveria seguir; Dostoiévski determinou que não queria escritores no seu enterro... Mas a morte traz a separação. Como se encara a morte dos pais, da mulher, do marido? De um filho?

- Com a morte da mãe ou de um pai conformamos-nos mais facilmente. Dir-se-ia a ordem natural das coisas. Quanto a um filho... é algo contra natura. Os romanos davam-na como exemplo máximo da dor e julgavam os homens pelo modo como a enfrentavam. Tudo depende também da fé. Ou se tem a grande felicidade de crer - não sei se há alguém que acredite a cem por cento - ou se vive com dúvidas. Parece haver uma tendência filosófica moderna que fala de uma «consciência» algo imaterial, amor, fraze, desgosto, existente em nós, que se libertará e continuará. Preferia um senhor de grandes barbas brancas onisciente e omnipotente com Jesus, a Virgem Maria e São José a seu lado.

## Acredita ou não em Deus?

- Alguém disse, um dia: «Sou agnóstico para maior glória de Deus». Tenho uma grande vontade de acreditar.

## A Medicina vive sem a Filosofia?

- A Medicina é uma forma especial de vida. Penso que não se pode vivê-la sem a Filosofia. Quem lida com a vida e com a morte, como os médicos, devia ter uma propensão para os estudos filosóficos e para a auto-crítica. Mas não. Há cada vez mais materialismo e uma tendência para reduzir tudo aos fenómenos químicos. É, no entanto, de invejar quem não precisa dela para sobreviver. Lembrou-me, a propósito, de duas personagens da literatura, um vagabundo de Gorki, a quem perguntaram o que andava a fazer no mundo e respondeu: «Sei lá, vivo, pronto!», e outro vagabundo de Kerouac, que disse: «Vou andando. Gramo viver». Grandes e sábias respostas!

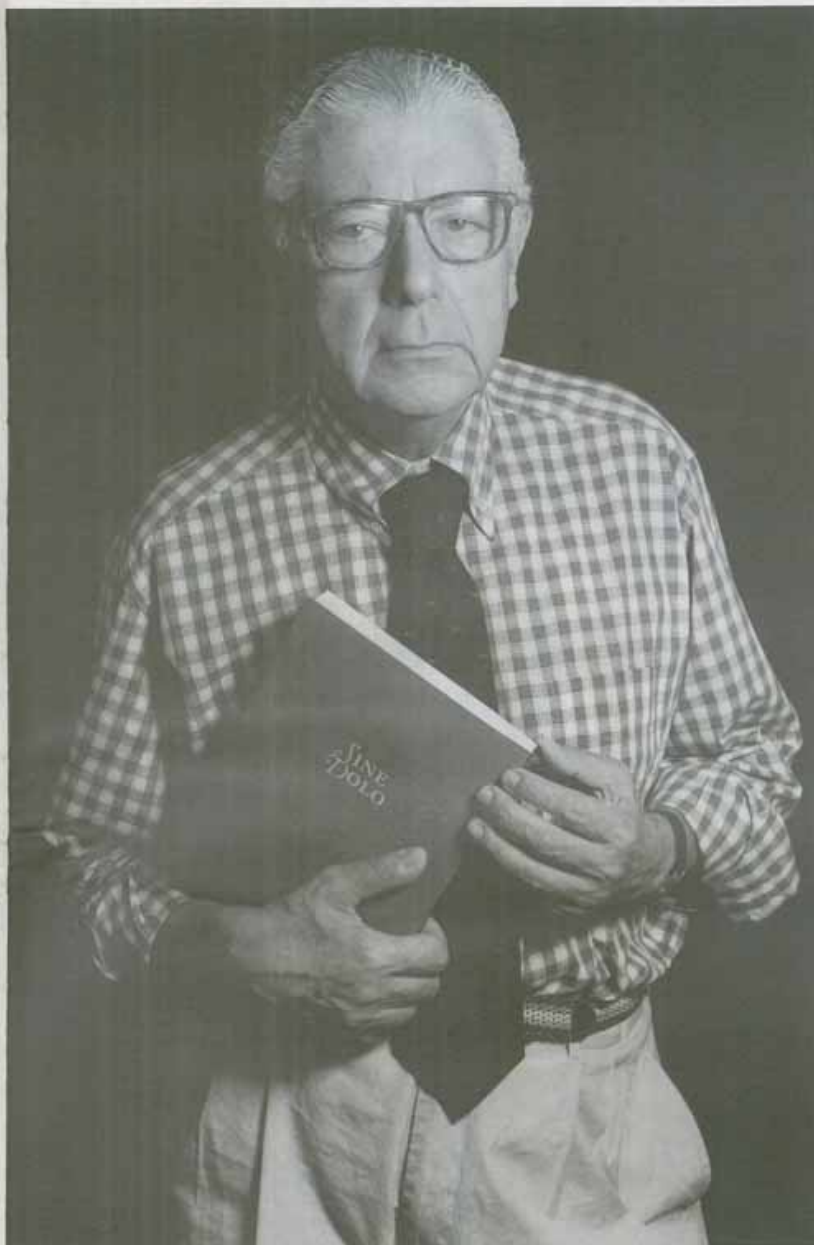
## A Medicina é uma técnica ou uma arte?

- As duas coisas, mas sobretudo uma arte. Será uma técnica dizer a alguém que tem uma doença fatal ou a um pai que lhe vai morrer um filho? Já vi querer ensinar a arte da Medicina - afinal, um dom - como quem ensina um papel de teatro. Como se se estivesse a vender electrodomésticos...

## Ainda considera que os jovens precisam de uma nova televisão?

- Cada vez mais ela constitui um problema para os mais pequenos, com 2 ou 3 anos, sentados à frente da televisão a adquirir mecanismos mentais estereotipados. Depois, na segunda infância e idade pré-escolar, a TV é usada excessivamente como ocupação dos tempos livres e para libertar os pais: vejam-se, por exemplo, jogos e séries tipo «Dragon Ball» e «Máscara Verde», nos quais se faz a apologia da violência. Que consequências terá isto? Está para ver. Na adolescência,





Quando este planeta mediocre arrefecer para sempre, e vierem astronautas de uma estrela a dois mil anos-luz para o estudar, ficarão admirados com esta coexistência entre tecnologia e barbãrie: dezenas de milhares de crianças morrem inevitavelmente e milhões vivem nas ruas. Os adultos só se lembram delas como carne para canhão, objecto sexual ou mão de obra barata

se vivida normalmente, a TV é quase abandonada. Na idade adulta, o telelixo representa, para a maioria, a droga que estupidifica, mas dá equilíbrio emocional. Porém, o principal efeito da televisão acontece no domínio do social pela capacidade de deformar o comportamento de quem está na mira da objectiva, logo de adulterar a informação. Há hoje uma embriaguez colectiva dos protagonistas (políticos, estudantes, polícias, população em geral), que se transcendem, e dos espectadores já dependentes do escândalo, que exigem todos os excessos. A verdade, a não ser que se filme com câmaras ocultas, ficou para sempre comprometida.

Neste consultório a arte convive com as crianças: há muitos cartazes e reproduções de Picasso... Para que lhe serve a pintura?

- Sobretudo a de Picasso. Liberta-me do prosaico da realidade. Ninguém criou como ele e ninguém melhor do que ele definiu o acto criador. Era um misto de burguês e de artista maldito. Não sou capaz de dissociar a obra de arte de quem a produz. Tenho um fraco pelos escritores e artistas malditos com vidas aventurosas, bêbados, drogados, maniacos: Edgar Poe, Jack London, Sinclair Lewis, Steinbeck, Scott Fitzgerald, Hemingway, Truman Capote, Norman Mailer, Tennessee Williams, Jack Kerouac, Baudelaire, Rimbaud...

#### Es os livros que o marcaram?

- Não foram, como é obrigatório citar, os clássicos de Proust, Joyce ou Borges. O primeiro foi «Voyage au bout de la nuit», de Céline. Devorei tudo, de Balzac a Zola, de Colette ao teatro francês contemporâneo. Aos 10, 11 anos, já tinha lido todo o Eça, que influenciou imenso a minha formação. Cito alguns autores que me marcaram: Stendhal, Tolstoi, Marguerite Yourcenar, García Marquez, Aragon, Pagnol, Maurrois, Kazantzakis. Entre os portugueses, o grande romance de José Saramago foi, para mim, «O Memorial do Convento». «A Casa Grande de Romarigães», de Aquilino, e «A Escola do Paraíso», de Rodrigues Miguéis, parecem-me obras à parte. Todo o Torga, sobretudo os diários. Gosto imensos de biografias e autobiografias (adoro a de Gorki, um artista completamente inculto, que aprendeu tudo à sua custa) e ligo cada vez menos à ficção. Nunca leio um livro só. Acabei de ler «De Senectute», de Cícero. Uma análise da relação entre a senectude e a intervenção cívica, os prazeres e a morte. Tem uma escrita simples e limpa e uma lógica clara e rigorosa. Cícero coloca proposição sobre proposição como um bom pedreiro põe tijolo sobre tijolo. As conclusões são a sólida argamassa que as liga. Prefiro a prosa à poesia. Destaco grandes poetas da rima como Hugo, os torturados como Baudelaire ou os profundos como Pessoa. A minha filosofia de vida resume-se num poema seu: «Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar, / sem nada já que me atraia, nem nada para desejar / farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida (...)». Gosto dos poetas simples, como António Nobre, Cesário Verde e Augusto Gil. García Lorca é, para mim, a quintessência da poesia.

#### A literatura infantil deve ter ingredientes próprios?

- Deve interessar a criança, divertir, mas penso que dela se devem retirar sobretudo regras de comportamento saudáveis.

#### Na sociedade contemporânea, que mais o preocupa?

O desenvolvimento sem limites do desejo de possuir, o consumismo desenfreado, o mundo de «marketing», a ganância do dinheiro e do Poder, a busca do prazer imediato e fácil, a falta de seriedade dos políticos, a sua maneira de agir para conseguir o voto, o apagamento dos valores morais...

#### É um homem só?

- Um solitário. Gosto da solidão, das florestas sombrias, do cheiro a folhas podres, de vilas medievais, de tascas, de bacalhau com batatas, de vinho tinto e de testo a chamada vida social idiota do «jet set», os «cocktails» ocos de piadas vazias, ou os restaurantes que ostentam um «luxe tapageur». Ninguém me apanha numa coisa dessas, mas lá está o signo: podem apanhar-me em Londres no «grill» do Savoy. Passo grande parte do tempo no meu consultório. Posso entregar-me à clausura e voltar as costas ao social, porque tenho uma vida profissional muito intensa. Os meus grandes amigos são as famílias que vêm aqui há 30 anos.

#### Qual o seu maior desejo?

- E extraterreno. Já falámos dele. Depois, ver crescer os meus netos e escrever mais. Penso agora fazer outro livro intitulado «Vício de Sentir» ou «Não o Posso Negar», baseado em coisas curiosas que me aconteceram. Será a vez de me expor totalmente, sem me pintar com cores bonitas e fortes. De confessar tudo o que fiz de bom e de mau.

#### Quais os princípios que preza?

- Aqueles que são anteriores aos Estados, superiores aos códigos, emancipados das igrejas, independentes das opções políticas, os que estão acima das modas intelectuais. Trata-se de princípios indissociáveis da pessoa humana a cuja natureza dão substância e para cuja dignidade contribuem. ■